

**O QUE DIZEM AS PESQUISAS BRASILEIRAS SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL
INDEXADAS NA BASE DE DADOS SCIELO: algumas considerações
multidisciplinares**

Milene Vieira¹
Rubia Emmel²

RESUMO

Este artigo teve como objetivo compreender as contribuições dos autores dos artigos realizados no país sobre Educação Sexual. Apresenta pesquisa analisa e apresenta uma proposta de abordagem qualitativa, por pesquisa documental, elaborada a partir da busca de artigos na base de dados Scielo, no período de 2017 a 2021. Os dados foram analisados através da análise temática do assunto. A base de dados expressou um quantitativo de 28 pesquisas que mostrou: - Áreas do Conhecimento e Metodologias utilizadas nas pesquisas. Por fim, salienta-se a relevância de prosseguir pesquisando a temática da Educação Sexual compreendendo-a em diversas produções de pesquisas brasileiras.

Palavras-chave: Pesquisa documental. Educação Escolar. Saúde.

INTRODUÇÃO

A temática da Educação Sexual vem sendo recorrente em pesquisas brasileiras (ALMEIDA et al, 2017; FIGUEIRÓ, 2006; SILVA, 1998). Estas pesquisas são desenvolvidas nas mais diversas áreas de conhecimento (educação, saúde, direitos humanos, políticas públicas), sendo que as pesquisas podem ser desenvolvidas também no âmbito dos programas de pós-graduação, em mestrados e doutorados.

Ao buscar uma definição de Educação Sexual, o Dicionário de Educação Sexual, Gênero e Interseccionalidades (CARVALHO et al, 2019) conceitua a educação sexualizada como parte de um processo humano, em que os indivíduos compartilham conhecimentos relacionados ao sexo e à sexualidade: ao desejo, atração, afetividade, ao prazer, autoconhecimento e aos princípios construídos na sociedade durante anos. A partir dessa

1Acadêmica do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, Instituto Federal Farroupilha, Campus Santa Rosa - Brasil. E-mail: milenevieira1088@gmail.com.

2 Licenciada em Pedagogia, Mestra e Doutora em Educação nas Ciências; Professora do Instituto Federal Farroupilha, Campus Santa Rosa - Brasil. Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências: Mestrado, na Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Cerro Largo. E-mail: rubia.emmel@iffarroupilha.edu.br.

definição percebe-se a complexidade envolta ao tema, que não pode ser visto de modo fragmentado, já que há a necessidade de refletir sobre a sexualidade dos adolescentes, para que possa auxiliar na redução de problemas pessoais e sociais.

Nesse sentido, ressalta-se o papel fundamental da escola na Educação Sexual, a considerar as possibilidades da temática ser desenvolvida de forma integrada, pois, não se trata apenas da anatomia e da fisiologia do corpo humano, mas envolve fatores biopsicossociais (AGNOLETTO; PADOIN, 2012). Consideram-se, também, métodos de prevenção da gravidez precoce e das ISTs, visto que, o desenvolvimento corporal inicia-se durante o período escolar, gerado pelos hormônios aflorando ainda mais sexualidade dos estudantes (ALMEIDA et al, 2017).

Os estudos de Figueiró (2006), trazem a relevância da temática Educação Sexual, ressaltando que a necessidade deste tema ter mais visibilidade no Brasil. Considerando os dados da OMS, tendo como exemplo as ISTs, consideradas um dos problemas de saúde pública mais comum em todo o mundo e, no Brasil, suas estimativas de infecções de transmissão sexual na população sexualmente ativa, a cada ano, são: sífilis: 937 mil casos; gonorreia: 1.541.800; clamídia: 1.967.200; herpes genital: 640.900; e HPV: 685.400 (BRASIL, 2020). Sobre a importância de educar sexualmente, os estudos de Figueiró (2006) mostram que a educação sexualizada está relacionada com o direito de toda pessoa receber informações sobre o corpo, sexualidade e o relacionamento sexual e, também, como o direito de ter mais de uma oportunidade para expressar sentimentos, aprender, refletir e debater esse tema para poder formar sua própria opinião, seus valores, sobre o que é sexo e sexualidade.

Considera-se esta problemática envolta ao tema, que ocorre independentemente de classe social, de idade ou da etnia e observando a importância de ampliar as investigações sobre o tema originaram-se os questionamentos: - quais são os acervos recentes em pesquisa sobre o tema da Educação Sexual?; - onde foram feitos?; - quais são as abordagens e áreas de conhecimento?; - quais instituições e periódicos?. Destas questões originam-se o objetivo da pesquisa: Compreender as contribuições dos autores dos artigos realizados no país sobre Educação Sexual. Este artigo apresenta uma análise das pesquisas sobre Educação Sexual, a partir da busca de artigos na base indexador de revistas Scientific Electronic Library Online (SciELO) no período de 2017 a 2021.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta pesquisa utilizamos a abordagem qualitativa (LÜDKE; ANDRÉ, 1986), realizada pela tipologia documental, a partir da busca na base de dados de pesquisas brasileiras indexados e disponíveis em meio eletrônico no Scielo. Foram encontradas pesquisas entre os anos de 2017 a 2021, a disposição no sítio eletrônico: www.scielo.br.

Como parâmetro de busca foi utilizado o termo: Educação sexual. Em um primeiro momento foram encontrados 209 artigos, foi realizada uma primeira leitura do resumo, das palavras-chave e da introdução, e destes 209 artigos não foram incluídos 181, pois um dos critérios para essa seleção foi de apenas pesquisas brasileiras e realizadas no território do Brasil, nos anos de 2017, 2018, 2019, 2020 e 2021.

Realizamos a análise temática de conteúdo (LÜDKE; ANDRÉ, 1986) por meio das etapas: pré-análise, estudo do material e a abordagem dos resultados com a interpretação deles. Deste modo foram feitas classificações retratadas na sistematização da tabela analisada neste artigo. A partir da base de dados foi realizada uma tabela com intuito de analisar as áreas do conhecimento que cada artigo se encaixa. Tabela 1: Áreas do Conhecimento das Pesquisas sobre Educação sexual;

Foram respeitadas as questões éticas de pesquisas, pois foram analisados trabalhos acadêmicos selecionados em base de dados de domínio público na ‘web’ 2.0. As pesquisas encontradas foram nomeadas por uma letra “P” (pesquisa) seguidas de numeração em ordem crescente: P1, P2 até P28.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na Tabela 1 apresentamos as áreas de conhecimento em cada artigo. Para esta tabulação, num primeiro momento foi realizada a leitura de cada pesquisa na base de dados e buscou-se identificar as áreas do conhecimento.

Tabela 1: Área do Conhecimento das Pesquisas sobre Educação Sexual

Disciplinas e/ou áreas do conhecimento	Pesquisas	Total
Enfermagem	P7; P9; P14; P20; P22; P23.	6
Medicina	P2; P4; P7; P13; P17; P19.	6
Saúde coletiva	P5; P11; P15.	3
Psicologia	P24; P27; P28.	3
Ciências Sociais	P8; P18.	2
Pedagogia	P25; P26.	2
Ciência da Natureza	P16; P26.	2
Assistência Social	P6.	1
Ensino Religioso	P1.	1

História	P21.	1
Literatura	P12.	1
Ciências Humanas	P3.	1
Fisioterapia	P4.	1

Fonte: Autoras (2022). Nota: Disciplinas/Áreas do conhecimento. *Pesquisas: Artigos por área do conhecimento. *T: total de publicação.

A perspectiva utilizada para a análise da Tabela 1, exerce um caráter textual, com a relação do tema central de revistas e periódicos onde foram publicadas as pesquisas. Foram identificadas na Tabela 1 publicações em variadas áreas: Enfermagem, Fisioterapia e Ciências Sociais. As revistas na área da saúde (15 artigos) têm uma forte relação com o tema estudado, educação sexual, identificada em três áreas: Enfermagem (6 artigos), Medicina (6 artigos), Psicologia (3 artigos).

Em relação ao tema dos artigos, identificamos três artigos em mais de uma área do conhecimento: P4 (Fisioterapia e Medicina); P7 (Enfermagem e Medicina); P26 (Ciências da natureza e Pedagogia). Os demais artigos ficaram restritos a uma única área, sendo que as áreas com dois ou mais artigos foram: Ciência da Natureza (P16; P26); Pedagogia (P25; P26); Ciências Sociais (P8; P18); Psicologia (P24, P27; P28); Saúde Coletiva (P5; P11; P15); Medicina (P2; P4; P7; P13; P17; P19); Enfermagem (P7; P9; P14; P20; P22; P23.)

Para compreender a aproximação da temática Educação Sexual com áreas da saúde, é preciso compreender o contexto histórico e suas relações com a educação escolar. A pesquisa de Santos (2010) buscou compreender como se dava a educação sexual no âmbito educacional brasileiro durante a transição e/ou ruptura do período imperial para o republicano, entre os séculos XIX e XX. Ao historiografar a Educação Sexual, dois segmentos apresentavam estreita ligação, a relação entre os médico-higienistas e os grupos escolares (projetos arquitetônicos escolares) no Brasil, ou seja, os médico-higienistas aliados aos padres católicos foram os principais mentores pela propagação da Educação Sexual, tanto fora da escola como dentro dela, ocasionando com isso, na reprodução de estereótipos de papéis sexuais tipicamente masculinos e femininos. Além disso, Santos (2010, p. 1) ressalta que “era proibido que a educação sexual fosse ministrada pelos (as) professores (as) nas escolas, pois não eram merecedores de grandiosa tarefa”. Ainda com o autor, os médico-higienistas e padres católicos, fizeram da escola seu objeto disciplinador das vontades individuais e coletivas, por meio da sua arquitetura.

Conforme Chauí (1985) no século XIX o sexo e a sexualidade eram tidos como algo impuro e indecentes, ou seja, não eram tratados como desejo do ser humano, mas, em

contrapartida, esse repreendimento da sexualidade fez com quem houvessem mais pesquisadores buscando sobre a educação sexualizada, consolidando a ciência sexual que passou a ser abordada como questão clínica voltada para a higiene sexual e infecções sexuais. Esse fato pode ter relação com a maior produção de pesquisas sobre Educação Sexual nas áreas da saúde, como, por exemplo, na enfermagem e medicina, onde se encontra o maior número de pesquisas publicadas durante os anos de 2017, 2018, 2019, 2020 e 2021.

A Saúde Coletiva, consiste na saúde dos cidadãos e da coletividade, garantindo serviços de direito a saúde e a Educação Sexual, o Glossário do Ministério da Saúde: Projeto de Terminologia em Saúde, define que:

“Promoção e Educação em Saúde Ação educativa realizada pela família, pela escola, pelos serviços de saúde e por outros atores sociais, cujo objetivo é a preparação para uma vida sexual mais prazerosa, sadia e segura” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2004, p. 47).

Compreendemos que a área da saúde foi um dos princípios para o início da Educação Sexual vir à tona no Brasil, principalmente na década de 1980 e 90, em que ocorre a epidemia de AIDS, e como estratégia para a diminuição de casos, houveram diversas campanhas de prevenção as ISTs, programas de Educação Sexual, estimulando debates sobre propostas de Educação Sexual nas escolas (QUARTIERO, 2009). Ainda conforme a autora, estes fatos ficam mais evidentes quando no ano de 1997, o Governo Federal publicou e homologou os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) (BRASIL, 1997), que traziam os temas transversais que abordavam temáticas como: saúde, meio ambiente, orientação sexual e pluralidade cultural. Estes temas, consolidavam os direitos e os deveres de cidadania, que poderiam ser abordados na educação escolar básica de todo o Brasil, legitimando assuntos que por muito tempo foram reprimidos pela sociedade, e antes eram proibidos nas escolas.

A orientação sexual é um tema transversal, que tematiza problemas fundamentais e urgentes da vida social. A orientação sexual entrou nos PCNs devido ao crescimento de casos de gravidez indesejada entre adolescentes e do risco de contaminação por HIV, sífilis entre outras doenças venéreas (BRASIL, 1998). Desse modo, com os PCN's adentram as escolas também os temas transversais, que não são de uma disciplina específica, mas podem atravessar o currículo escolar, perpassando em todas as disciplinas escolares. Assim o tema transversal da orientação sexual, constituía-se em uma possibilidade de espaço para também o ensino da Educação Sexual, que não fosse de uma disciplina específica, mas sim em qualquer matéria, porém não foi assim que ocorreu, já que esse conteúdo ficou a cargo dos professores/as da área das ciências da natureza (LIRA, 2009).

O artigo P28, é o único que trata sobre alguma síndrome e sua relação com a educação sexual. A área do conhecimento da saúde coletiva, coloca como objeto de estudo a relação de adolescentes com transtorno do espectro autista e como os adultos reagem diante à temática sexualidade e sexo. Um dos obstáculos sobre o autismo e a educação sexual na educação básica de ensino segundo P28, é a negação dos pais e professores que tendem a pensar que a pessoa autista é assexuada e uma eterna criança (BRILHANTE; VERAS, 2020), a pesquisa demonstra que esse pensamento é equivocado, pois, de acordo com Freud (1905) a sexualidade psíquica e física está presente em todo ser humano desde a infância, porém com forma de expressão diferente. Ainda com Freud (1905), a sexualidade é a resposta da história de cada indivíduo e como ele irá reagir diante a ela, já que a sexualidade é particularmente definida por cada pessoa, ou seja, sexualidade nos constitui como ser humano, não havendo, apenas, uma única maneira de expressá-la e senti-la. Desta forma, P28 promove outra visão sobre a educação sexual, desconstruindo tabus impostos socialmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos aspectos apresentados, identificamos que esta temática investigada está longe de ser ressignificada, visto que, mesmo sendo desenvolvida na educação escolar de modo restrito aos conceitos biológicos, no cenário atual das diretrizes públicas e políticas brasileiras esta temática vem sendo tratada de maneira distorcida, reforçando paradigmas e tabus. Deste modo, esta investigação possibilitou perceber um campo de pesquisas da temática educação sexual, analisados em variados temas e pontos de vista metodológicos e teóricos, que consideram publicação na base de dados dos autores enquanto pesquisadores.

Com isso, compreendemos que as investigações que trazem o ensino da educação sexual atualmente são de grande valia para o acesso à informação e desconstrução de preconceitos, uma vez que, esses assuntos constituem a pluralidade e a diversidade. Torna-se necessário trazer o assunto de forma leve e coesa de modo a desconstruir as desigualdades e as injustiças sociais.

A partir da leitura dos artigos, foi identificado a prevalência de pesquisas feitas na área da saúde (medicina e enfermagem) sobre o tema educação sexual, e também nas revistas ou periódicos que recebem o nome relacionado a saúde e educação. Sendo assim, as pesquisas, pela análise de dados, demonstram que este tema compõem um problema de saúde pública no Brasil.

Enquanto pesquisadores do campo educacional considerávamos que iríamos encontrar mais estudos na área da educação escolar. Contudo, não encontramos significativas quantidades de pesquisas no campo educação escolar, dado que estas têm grande potencial relativo ao ensino da educação sexual. Pela abrangência do tema que tem o importante papel de informar e ressignificar a educação sexual, com a intenção de fazer com que os estudantes tenham mais consciência do próprio corpo, além de evitar consequências reversíveis, ou não, como gravidez precoce, ISTs, abuso sexual que envolvem tanto aspectos biológicos, quanto psicológicos e sociais.

A produção de resultados relacionados com as análises dos dados implica em obstáculos a serem resolvidos e ditos na área da base de pesquisa, com intuito de enriquecer pesquisas sobre educação sexual. Tais problemas fazem com que a pauta, sobre estes, seja perpassado pelos seguintes aspectos: - Incentivo a pesquisa na área recorrendo ao investimento e bolsa de pesquisa; - Implantação de componentes curriculares, práticas de ensino e pesquisas sobre o tema na formação inicial de professores; - Criar eventos sobre temas relacionados, com objetivo de promover pesquisas da área; - Fortalecer os diálogos relacionados ao tema, de modo a promover a naturalidade; - Subsídios para ações de ensino, pesquisa e extensão, tanto para o ensino superior de rede pública, quanto rede privada, com o propósito de proporcionar amparo e fomento.

Desta forma, a presente pesquisa estabeleceu relações com áreas de conhecimento e permitiu com que compreendêssemos as metodologias que caracterizam as tipologias de pesquisa. Por fim, reforça-se a importância de seguir a pesquisar o tema educação sexual, independente da perspectiva de análise, pois a base de dados listou um mapeamento das publicações de pesquisas que possibilitou o conhecimento e/ou reconhecimento de estudos que estão sendo, ou já foram realizados no Brasil.

REFERÊNCIAS

AGNOLETTO, R.; PADOIN, M. J. Formação inicial de professores e a formação de educadores sexuais. *In*: MEGLHIORATTI, F. A.; OLIVEIRA, A. L. de; FERRAZ, D. F. (orgs.). Reflexões sobre a formação de professores no ensino de ciências. **Edunioeste**, Cascavel, 2012.

ALMEIDA, R. A. A. S *et al.* Conhecimento de adolescentes relacionados às doenças sexualmente transmissíveis e gravidez. **Revista Brasileira de Enfermagem** [Internet]. v. 70, n. 5, p. 1087-1094, 2017.

BRASIL. **Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis**. IST no Brasil. Ministério da Saúde, 2020a.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**: Secretaria de Educação Fundamental. Brasília : MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MECSEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Glossário do Ministério da Saúde**: projeto de terminologia em saúde/Ministério da Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, p. 01-144, 2004. – (Série F. Comunicação e Educação em Saúde).

BRILHANTE, A.; VERAS M. “Eu não sou um anjo azul”: a sexualidade na perspectiva de adolescentes autistas. **Ciência & Saúde Coletiva**, Fortaleza, p. 01-08, 2020.

CARVALHO, G. D. de. *et al.* **Dicionário de Educação Sexual, Gênero e Interseccionalidades**. 1. ed. Florianópolis: UDESC, 2019. 359 p.

CHAUÍ, M. **Repressão Sexual**: essa nossa (des)conhecida. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. 237 p.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Educação sexual: como ensinar no espaço da escola. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 7, n. 1, p. 1-21, 2006.

FREUD, S. **Ensaio sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria** ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905) I Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza, São Paulo, v. 6, ed. 11, Companhia das Letras, 2016.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Epu, 1986.

LIRA, A. M. S. **O tema transversal orientação sexual nos PCN e a atitude dos professores: convergentes ou divergentes?** **Ensino, Saúde e Ambiente**. Recife, v. 3, n. 1, p. 01-132, 2009.

QUARTIERO, E. A Diversidade Sexual na Escola Produção de subjetividade e políticas públicas. **Revista Mal Estar e Subjetividade**, Porto Alegre, v. 11, n2, p. 01-146, 2009.

SANTOS, L. R. dos. O médico-higienista e a arquitetura escolar no Brasil sob o prisma da educação sexual entre os séculos XIX e XX. **Scientia Plena**, [s. l.], v. 6, n. 3, 2010.

SILVA, E. A escola, a clínica e a sexualidade humana. **Perspectiva.**, Florianópolis, v. 16, ed. 30, p. 115 - 142, 1998.